

## **Memória e Identidade étnica: O caso de Galópolis**

**Vania Beatriz Merlotti Herédia**

O início do povoado de Galópolis data os primeiros anos da imigração italiana no sul do Brasil. Os colonos italianos que se instalaram na localidade faziam parte do programa oficial de colonização financiado pelo governo imperial para ocupar e colonizar as terras devolutas da Encosta Superior do Nordeste da Província do Rio Grande do Sul. Galópolis até os dias atuais tem uma identidade cultural construída em torno de sua história. Essa identidade, que está estreitamente ligada à história da imigração italiana, foi sempre fortalecida pela memória da população que trabalhou no lanifício e que nunca deixou de alimentar suas lembranças, tornando-as testemunhas presentes nas diversas gerações. O estudo descritivo compreende as três primeiras fases da história do povoado, no período de 1876 a 1930. A pesquisa de natureza documental utiliza entrevistas narrativas que foram realizadas no ano de 1989. O objetivo da análise é trazer para a discussão a força do elemento étnico, associado à vida em uma vila operária que manteve suas memórias como parte constitutiva da memória coletiva.

### **Partes de uma história**

Como a Colônia de Caxias havia sido dividida em vários travessões ou linhas, e essas em léguas, conforme a divisão territorial estabelecida pelos órgãos oficiais, os lotes referentes à futura vila operária estavam localizados na Quarta Léngua, nos Travessões de Barata Goes e Vêneto. Os limites da vila se situavam na extremidade sul da Quinta Léngua de Caxias e no Nordeste da Terceira Léngua. A área da colônia Caxias recebeu nos primeiros anos da imigração “3.851 colonos que foram distribuídos nas 17 léguas pela Comissão de Terras da Diretoria da Colônia” (HERÉDIA, 1997, p.19).

Os primeiros colonos frequentavam a Capela da Maternidade, na Quinta Léguas, onde alguns anos mais tarde construíram um barracão para abrigar a Cooperativa Têxtil, chamada Società Tevere e Novità. Foram eles que mais tarde fundaram o povoado, alguns de origem camponesa e outros de formação artesã, provenientes das comunidades de Schio e Valle dos Signori (Livro Tombo da Paróquia de Galópolis, 1936, p.1).

As famílias que se instalaram nessa área próxima da Capela da Maternidade eram na maior parte antigos operários da comunidade de Schio, Vicenza. Esses operários haviam imigrado devido a conflitos salariais no final do século passado, quando fizeram uma greve no Lanificio Rossi. Esse Lanificio fundado em 1817, de propriedade da Sociedade de Francisco Rossi, era o maior complexo industrial laniero da região de Vicenza. Em 1872 tornou-se uma sociedade por ações o que os obrigou a modernizar o aparato industrial. Dezoito anos mais tarde, em uma das seções desse grupo, ocorreu uma greve por melhores condições de trabalho que resultou na expulsão de muitos tecelões do país, já que o proprietário perdoou os casados e expulsou os solteiros, dando-lhes a seguinte opção: “ou a galera ou o Brasil.” (LANEROSI IERI, 1967, p.120).

Nessas circunstâncias 308 tecelões viajaram para o Brasil na última década do século XIX e muitos se instalaram na localidade de Galópolis que na época se chamava Vale del Profondo. Quando foram instalados na comunidade, a mesma já havia sido ocupada por imigrantes do Norte da Itália que conheciam a realidade da pátria. Dessa forma, resolveram organizar um pequeno lanificio, constituindo uma cooperativa, que garantisse com a união de todos os seus recursos à compra de alguns teares. Nessa iniciativa entraram alguns colonos que já habitavam no povoado.

A posse da pequena propriedade, o trabalho na própria fábrica, o emprego aos filhos e o investimento dos seus trabalhos agrícolas foram fatores determinantes na construção de Galópolis. Estes fatores permitiram a mudança de condição econômica e de estrato social dos primeiros imigrantes em confronto com a antiga situação social vivida na antiga pátria. Com muito trabalho, esforço e dedicação começaram a construir no vilarejo, uma cooperativa têxtil que permitissem exercer funções semelhantes às que haviam deixado na sociedade de origem. Galópolis possuía uma paisagem equivalente a do lugar de partida e essa semelhança os confortava na construção de uma realidade onde deixavam de ser empregados para se tornarem donos de seu próprio negócio, senhores de seus destinos.

A formação do povoado tem início a partir da chegada dos imigrantes italianos. Porém, a vila operária começa a ser construída a partir de 1912, com a fusão da Companhia de Tecidos com a empresa de Chaves & Almeida. Com a formação da Sociedade Chaves Irmãos, os proprietários decidiram implantar um plano habitacional que garantisse a fixação da mão de obra em torno da fábrica. Era um momento em que as empresas industriais se preocupavam com a manutenção da mão de obra especializada, principalmente por que não era fácil encontrar bons tecelões e tintureiros. A criação de uma vila operária solucionava esse problema à medida que garantia a fixação e imobilização da mão de obra especializada. Vale lembrar que o lanifício já passara por várias administrações. A primeira sob a forma de cooperativa onde a administração era feita pelos próprios colonos; a segunda quando Hercules Galló compra a cooperativa têxtil e funda um lanifício, cuja infraestrutura desenvolverá e aperfeiçoará até propor a fusão com a Indústria de lã dos Irmãos Chaves & Almeida, conforme já dito e a terceira quando a família de Hercules Galló vende suas ações para a Família Chaves Barcelos, dando início a uma nova etapa como sociedade anônima. Em todas as etapas da história desse empreendimento, a mão de obra foi marcadamente de origem italiana.

A construção da vila operária começa como estratégia de retenção de mão de obra. O modelo de indústria com vila operária não era um projeto novo em termos de indústria têxtil no Rio Grande do Sul, visto que a Companhia União Fabril de Rio Grande, fundada em 1873, sob o nome de Rheingantz e Vater, funcionava desde 1874, como a primeira empresa brasileira a fabricar tecidos de lã (FAGUNDES, 1987, p.195). Essa indústria havia desenvolvido uma experiência de vila operária, com habitações para operários, escola, armazém, cooperativa, associação beneficente e ainda a oferta da mutualidade.

A vila operária de Galópolis foi sendo construída à medida que a própria fábrica se expandia. O modelo utilizado para a construção das casas era o modelo inglês. Isso indicava que Hercules Galló e os Chaves tinham conhecimento das necessidades operárias e da estrutura de vilas operárias e que dispunham de dados sobre organização das vilas operárias estrangeiras. As casas de Galópolis assemelhavam-se às da Inglaterra. As primeiras casas eram de madeira, e as dimensões variavam. Construíram casas de dois cômodos e de três cômodos, usando sempre o mesmo projeto residencial. As casas possuíam jardim e uma horta. Hercules Galló se preocupava com a instalação dos operários, visto que conhecia as dificuldades dos

imigrantes por ter sido também um imigrante. A situação ocupacional de Galló era diferente daquela dos italianos que haviam se radicado na Quarta Léguas, pois provinha de uma região da Itália que tinha tradição no trabalho com a lã, e era um imigrante que havia optado em migrar para construir, fora da sua pátria, um grande empreendimento. Além dessa diferença, havia migrado no período posterior à primeira grande leva de imigrantes e já tinha tido experiência de trabalho em um cotonifício no Rio de Janeiro.

Segundo livro de correspondência da fábrica, Hercules Galló providenciava junto ao Grupo Chaves & Almeida, o necessário para a ocupação das casas pelos mestres estrangeiros. Esses operários possuíam uma situação privilegiada por disporem de certos recursos naturais que lhes garantiam a reprodução social diferente dos trabalhadores urbanos típicos. Isso não significa que tenham tido melhores condições de trabalho dentro da fábrica, mas certamente influenciou as condições da qualidade de vida.

### **A memória coletiva derivada da memória étnica**

Enquanto a Companhia de Tecidos de Lã era de propriedade dos operários imigrantes, cada qual tinha a sua casa. A partir da expansão do Lanifício, com a entrada do Grupo Chaves & Almeida, as casas para os operários eram de propriedade da fábrica e haviam sido construídas pela mesma, com o intuito de abrigar o número suficiente de operários de que necessitava.

No momento da formação da Companhia Lanifício São Pedro S.A., quando a família Galló vende de forma definitiva as ações para o Grupo Chaves Barcellos, a fábrica possuía uma área de 484.243m<sup>2</sup>, tendo sob seu controle 43 casas utilizadas para a moradia de operários (Livro de ATAS da COMPANHIA, 1928, p). Quem estabelecia o direito dos operários sobre as casas era no primeiro momento a direção ou os seus representantes. Existia uma lista para a ocupação das casas, e as indicações eram feitas também pelos mestres, segundo as inscrições feitas na gerência pelos operários. Os operários pagavam um aluguel simbólico, que variava conforme a área construída da casa e o cargo na fábrica. A própria casa do gerente era de propriedade da fábrica. Representava um elemento de interiorização do

operário frente à fábrica. A uniformização das casas, o controle direto da fábrica sobre o conjunto das condições materiais de sua vida social além da fábrica faziam parte dessa interiorização.

As casas operárias foram construídas uma ao lado da outra, casas iguais, geminadas, ocupando quarteirão inteiro, aproveitando os terrenos da fábrica. O estilo arquitetônico era semelhante às construções de origem italiana, apesar da substituição do elemento pedra pela madeira, comum no início da imigração. A semelhança com as vilas europeias não era coincidência. A experiência, o estilo e a cultura comum foram traços legados por esses imigrantes e mantidos pelas gerações sucessivas. Esses elementos fortaleciam a identidade étnica e os colocava na mesma condição, de trabalhadores fabris que haviam vindo de um outro país para trabalhar e vencer na vida.

A vila operária de Galópolis se assemelha à vila operária inglesa *Styal* que foi uma referência arquitetônica para época. Essa grande indústria também possuía vila operária e concentrava seus trabalhadores no espaço delimitado entre a fábrica e a vila operária. De acordo com Lopes (1979, p.15), a variedade de estilos de vilas operárias não altera o objetivo principal de sua existência que é o da imobilização da mão de obra. Não obstante todas elas apresentarem vantagens para os proprietários, a forma escolhida pela maioria foi a do arruado, devido à vantagem da visibilidade imediata sobre o agrupamento de operários pelo observador hierárquico, que é aquele que representa a administração da fábrica. Ter o operário próximo garante a manutenção e continuidade do processo fabril.

A construção de vilas operárias pressupunha que os trabalhadores, juntamente com suas famílias, aceitariam a condição da moradia. As casas eram construídas para facilitar a vinda de operários ao local do trabalho, principalmente por que no início da fábrica, a mão de obra era escassa e tê-la à disposição representava um investimento seguro pela estabilidade que esta oferecia à indústria. Lopes (1979, p.15) chama a atenção que “o caráter rural das fábricas, com vilas operárias, acentua a dependência dos operários entre o domínio do trabalho e o domínio da moradia”.

O oferecimento da moradia aos operários tinha o papel de atração da mão de obra de que a indústria necessitava. A continuidade das famílias na vila operária, através do emprego da parentela, assegurava a constituição e a permanência de uma força de trabalho fabril, permanentemente renovada através do crescimento da prole.

A manutenção das relações pessoais estabelecidas com os gerentes garantia a amenização dos conflitos. Sinal dessas relações é a própria inexistência de conflitos organizados no decorrer de sua evolução.

Segundo Halbwachs (p.49), “no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos”. Os antigos operários e membros de suas famílias lembram que a fábrica havia criado uma série de espaços sociais em que o operário supria praticamente todas as suas necessidades dentro dos limites da vila. Essa estratégia desencadeava um processo de isolamento que, por si, só, não permitia a comparação com outros estilos de vida, conquistas e lutas sociais que aconteciam fora dos espaços daquele povoado. Por outro lado, produzia uma identidade de grupo que, por muitas décadas, foi o elo dos habitantes da vila. Aparentemente a memória coletiva do grupo se confunde com a própria história. Entretanto, o grupo de moradores, ao mesmo tempo, que se esforça para manter viva as tradições vinculadas à fábrica, evoca ao elemento étnico a tarefa da memória do lugar. Além de serem operários, são italianos mesmo que muitos sejam descendentes da quarta ou da quinta geração.

A recordação do período de trabalho na fábrica expressa com satisfação e orgulho de ter sido operário do Lanifício, mesmo aceitando problemas que, em geral, envolviam a classe operária ainda se faz presente. (Depoimento de um ex-operário, Galópolis, 1989). Tinham em suas lembranças algo em comum, um sentimento de pertença àquele grupo que ao mesmo que eram iguais porque dependiam da fábrica, estavam ligados às mesmas origens e enfrentavam as mesmas condições.

O elemento de identidade era além da etnicidade, a condição de vida na fábrica. Não era uma “memória emprestada”, mas sim uma memória que se mantinha pela tradição de algumas práticas que os unia diariamente no ambiente de trabalho, na presença de valores que eram assegurados nas diversas gerações.

É interessante salientar que, nos depoimentos feitos, os antigos operários mostravam nostalgia dos velhos tempos da fábrica. Para os mais antigos, os bons tempos representavam as condições favoráveis encontradas na zona colonial italiana de Caxias, sem jamais esquecer a real situação da zona de origem abandonada, onde passavam fome e não existia possibilidade de trabalho.

### **A vila como elemento de identidade**

Em 1930, Galópolis possuía uma população de 2.300 habitantes, sendo 1.163 homens e 1.137 mulheres. Destes, 1.710 eram de nacionalidade brasileira, 566 italianos, 19 alemães e 5 de outras. A percentagem dessa população de alfabetizados era de 69,21% e de analfabetos 30,79%. A religião católica era predominante, com a presença de alguns luteranos. (Censo Municipal de 1932. Caxias do Sul, 1932). Esses dados permitem traçar um perfil da população da vila, reforçando o que em vários momentos foi ressaltado, ou seja, a influência da cultura italiana, a forte presença do sentimento religioso, a dependência da fábrica como principal atividade do local.

As atividades desenvolvidas em torno da fábrica haviam sido instaladas para atender a população do local. Segundo o Censo Econômico Municipal de 1932, as atividades comerciais de Galópolis eram de pequeno porte, apenas supriam o consumo dos habitantes da vila. A atividade econômica preponderante de Galópolis foi sempre o lanifício, visto que as demais atividades eram insignificantes em confronto ao crescimento do município. As demais atividades econômicas eram necessárias para a manutenção da vila operária. Outro dado que se pode constatar é que não existiam atividades comerciais de vulto, visto que o poder aquisitivo dos operários era baixo.

Em 1936, a criação da Cooperativa São Pedro S.A. afetou o comércio local, uma vez que a maioria dos operários fazia uso desse comércio pelo fato de poder dispor do crédito da fábrica e descontar do salário seus gastos mensais.

Não se pode deixar de observar que a construção da Rodovia Federal Getúlio Vargas deveria ter influído no crescimento da vila operária, na década de quarenta. Essa rodovia, que liga o Rio Grande do Sul ao centro do país, prometia no seu traçado trazer o progresso por onde passasse. Esperava-se, portanto, com a construção dessa estrada federal a transformação da vila operária, porém esse fato não chegou a acontecer, visto sua proximidade com a cidade de Caxias. Galópolis era um lugar de passagem e a sua principal atividade era o lanifício. Quem passava pela nova rodovia percebia a grande estrutura industrial do local sendo esse seu atrativo. Quando foi criado o lanifício, “a dependência com Caxias se tornou secundária para os habitantes do lugar. Como consequência, um novo padrão de povoamento foi imposto aos seus habitantes. Esse padrão se superpôs a antiga *Strassendorf*, forma de povoamento caracterizada pela proximidade a estrada central” (VALVERDE, 1975, p.274).

Os habitantes da vila lutaram em torno de algumas causas comuns, como a construção de uma Igreja; a criação de um Círculo de Leitura com biblioteca e sede social; a fundação de uma cooperativa de consumo, vinculada à fábrica; a escola e a formação do sindicato. As construções da vila refletiam a prosperidade econômica que o lanifício trouxe à localidade naquele período. Além da questão da moradia, a fábrica tinha o controle sob as demais instituições de que participavam os operários no seu cotidiano.

A fábrica praticamente financiava todas as atividades sociais e, tinha ascendência sobre elas, podendo agenciar as estratégias empregadas para o seu domínio. Esse fato gerava um espírito de reciprocidade onde a submissão, a obediência, o respeito eram trocados pela estabilidade no emprego e o lugar fixo na vila. O operário, ao pagar a taxa irrisória de seu aluguel, recebia a garantia de mais um mês de manutenção do seu grupo familiar.

A assistência religiosa foi um dos elementos de integração entre os operários, uma vez que a fábrica providenciou a instalação de um padre para dar atendimento espiritual dos operários. A partir do ano de 1924, a vila contava com um padre, com residência fixa em Galópolis. Esse pároco era sustentado por uma mensalidade da fábrica até ser criada a paróquia. Dessa forma, os operários não necessitavam sair da vila para terem um atendimento espiritual. A atuação dos religiosos na vila foi uma constante, devido ao forte sentimento religioso de seus habitantes.

Em novembro de 1929, foi fundado o Círculo de Leitura que mais tarde se transformou no Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, em homenagem ao Diretor Presidente da Companhia na época. O Círculo de Leitura foi criado por um grupo de 13 operários que acreditavam que essa instituição pudesse oferecer à sua classe melhores condições de vida, dentro e fora da fábrica. Os princípios que regiam a atividade do Círculo Operário eram baseados na doutrina e na moral cristã, sustentados pelo "código divino e inigualável de justiça, respeito mútuo, amor e harmonia entre os homens" (ESTATUTO DO CIRCULO OPERÁRIO, 1936).

O Círculo Operário de Galópolis baseava-se nas Encíclicas *Rerum Novarum* de Leão XIII e *Quadragesimo Anno* de Pio XI e tinha como lema a fórmula de Toniolo: "O Trabalho cada vez mais dominante, a natureza cada vez mais dominada e o capital cada vez mais proporcionado (ESTATUTO DO CIRCULO OPERÁRIO, 1936)". O Círculo Operário era uma forma de amenizar os conflitos entre Capital e Trabalho.

A transformação do Círculo de Leitura à Círculo Operário nasceu da preocupação do pároco local com a expansão do movimento sindicalista no Brasil e a divulgação de ideias anarquistas e comunistas. O Círculo Operário de Galópolis proporcionou aos seus associados, além da assistência médica, farmacêutica e jurídica, uma assistência profissional que resultou na organização da Associação Profissional de Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem, e mais tarde na criação do seu sindicato. Também estimulou a organização de uma cooperativa e de uma caixa de socorros mútuos para auxiliar doentes, família de sócio falecido, e ainda tratar de problemas referentes à habitação.

Essa instituição social tinha uma proposta de lazer que abrangia uma série de jogos com a finalidade de entreter e divertir seus associados. Entre eles o jogo de bochas, ping-pong, jogos de mesa, o futebol. O Círculo Operário ainda contava com uma biblioteca, um excelente restaurante, um salão de festas onde ocorriam os casamentos e as festas da vila. A grande vantagem dos sócios em relação a esses serviços era que a fábrica os subvencionava, facilitando o acesso a todos. Esse círculo, lembrado pela maioria dos entrevistados, pelas oportunidades recreativas que propiciou a população da vila, foi por muitos anos ponto de reunião e de discussão de uma série de questões concernentes ao funcionamento da mesma.

O Círculo propiciou também a criação da "Caixa de Socorro Mútuo", que se consolidou como mais uma obra de assistência social gerenciada pela fábrica. Essa Caixa obedecia a um regulamento simples, prático e eficiente que consistia na formação de um pecúlio ou fundo de Caixa, onde os operários contribuía com pequenas mensalidades calculadas proporcionalmente aos seus salários e mais a contribuição de 1\$000 réis mensais para cada pessoa da família a quem desejavam proporcionar os benefícios da mesma. Além dessas mensalidades, contava com os donativos periódicos da administração da fábrica, a qual subvencionava o atendimento médico. Através dessa Caixa, a fábrica tinha condições de cobrir os gastos cerca de mil pessoas, proporcionando-lhes assistência médica, hospitalar, intervenções cirúrgicas, exames clínicos e consultas especializadas. (PIONEIRO, 1934).

Outro dado importante foi a criação de uma cooperativa, organizada inicialmente por sugestão do Gerente da fábrica Pery Paternoster. Com um capital inicial de 30 mil contos de réis e com 279 associados, deu-se início a Cooperativa de Consumo São Pedro Ltda. (DEPOIMENTO EX-OPERÁRIO, 1989), após a Assembleia Geral com os operários da fábrica no Cinema Operário. Essa atividade nascia com o

intuito de melhorar as condições de vida dos operários do distrito de Caxias, sem intenções de lucro, eliminando o papel do intermediário comerciante, devido à localização da vila distante da sede urbana de Caxias. Essa empresa comercial barateava os gêneros de primeira necessidade e garantia aos operários, alimentação básica a preço de custo, com a possibilidade de pagamento a crédito.

A preocupação com a vila de Galópolis por parte da fábrica manifestava-se em todas as esferas: da questão educativa, religiosa, sanitária, social a recreativa, justificada sempre com o fim de suprir as necessidades básicas da comunidade operária, como se observa nos tipos de atividades desenvolvidas pela fábrica.

Além das atividades descritas, duas iniciativas merecem especial consideração: a fundação de duas escolas para atendimento dos filhos dos operários e a criação do Sindicato distrital. A primeira diz respeito à importância que o lanifício atribuiu a escola como elemento de formação da mão-de-obra. Após a tentativa de cursos noturnos aos operários e a participação dos filhos dos mesmos, em escolas instituídas pelo estado, no final de 1933, o gerente da fábrica assinou um contrato com os padres josefinos para a instalação de um colégio religioso que atendesse os interesses da população de Galópolis. Essa escola chamada "Colégio Chaves Irmãos", funcionou de 1934 a 1937, sob a direção da ordem religiosa "Pia Sociedade de São José", com atendimento exclusivo para crianças do sexo masculino. No mesmo ano, a fábrica fundou o Colégio "Manoela Chaves", coordenado pelas irmãs do "Imaculado Coração de Maria", para alunas do sexo feminino, sendo essa escola, totalmente destruída por causa de um incêndio em julho de 1937. No início desse ano, houve um sério desentendimento entre um dos padres josefinos com o gerente da fábrica, resultando o fechamento da escola e a retirada dos padres da vila.

Devido a esse fato, as irmãs do "Imaculado Coração de Maria" passaram a atender os alunos de ambas as escolas. A fábrica mantinha estreitos laços com a escola, uma vez que a financiava e tinha interesses de oferecer alguns serviços aos seus operários. Entre esses serviços estavam incluídos o funcionamento de um "Jardim da Infância" que aceitava crianças dos 3 aos 7 anos, possibilitando a mão-de-obra feminina trabalho de um turno completo na fábrica; cursos de aperfeiçoamento de corte e costura; cursos de datilografia etc...Essa escola permaneceu em Galópolis por quase quarenta anos, sempre a serviço de sua comunidade e de sua mantenedora. O patrimônio desse colégio foi vendido ao governo estadual sendo instalado nesse prédio uma escola estadual de primeiro grau.

A segunda iniciativa foi a criação de um sindicato que foi o primeiro sindicato distrital do país. O Sindicato dos Mestres, Contramestres e Trabalhadores na Indústria e Tecelagem de Galópolis havia sido fundado, pelos mesmos operários que haviam se mobilizado na criação do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos e na Associação Profissional de Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Galópolis.

Em fevereiro de 1942, os operários de Galópolis recebem a carta de reconhecimento do seu sindicato, sendo esse, portanto o sindicato distrital mais antigo do país (SINDICATO DOS MESTRES, CONTRAMESTRES E TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE FIAÇÃO E TECELAGEM, GALÓPOLIS, 1942). A partir dessa data, inicia-se um movimento dentro da vila para sindicalizar os operários.

A política de Getúlio Vargas havia atingido um de seus objetivos que era regular e conhecer o mercado de trabalho sendo o sindicato um dos instrumentos jurídicos para tal fim. Desta maneira, essa entidade começa uma fase de trabalho junto aos seus associados, partindo do princípio da necessidade de aplicação da lei. A este respeito, explica detalhadamente aos seus participantes a organização das leis de trabalho, (SINDICATO GALÓPOLIS, 1945) os direitos e os deveres de cada trabalhador.

A partir de 1945, o sindicato assume um papel representativo dos interesses da categoria nas questões salariais e nas questões concernentes as condições de trabalho (SINDICATO GALÓPOLIS, 1945), instituídas pelas leis trabalhistas. As negociações dos salários, até então estabelecidas pela fábrica e mais tarde pelo governo, passam a ser discutidas também pelos operários, desencadeando a participação ativa dos operários ao Sindicato.

Após 1945, o país sofreu as consequências do liberalismo político do Presidente Gaspar Dutra e os trabalhadores reclamavam de forma generalizada em todo o país os índices congelados de salários de toda a sua gestão governamental. Desta maneira, a ação do sindicato dos operários do Lanifício permite identificar a influência da fábrica nas relações de produção e as repercussões dessas na vila operária. A criação do Sindicato refletiu de maneira parcial a desagregação da forma de dominação própria à industrialização feita através da vila operária onde a imobilização da força de trabalho pela moradia foi um forte elemento de manutenção do *status quo* de seus indivíduos. Parcial porque mesmo através da entidade que os representava, não conseguiam liberar-se da bagagem que traziam em si mesmos,

para lutar pelos interesses de classe. Não se percebe uma solidariedade de classe e sim apenas uma solidariedade comunal, produzida pela vida em comum e pelas circunstâncias econômicas idênticas.

Os operários se sentiam parte da fábrica, como se fossem também propriedade da mesma. Esse sentimento presente na família operária impedia uma maior politização por parte da classe como se reivindicar direitos referentes à condição operária significasse um ato de deslealdade ao patrão. Esse sentimento impedia, ao menos em tese, a elaboração de uma consciência de classe. A ambiguidade nas relações de trabalho tanto na fábrica como na vila fortalecia esse sentimento, impedindo que ocorresse a separação da esfera fabril da doméstica. Por outro lado, as instituições criadas na vila e mantidas pela fábrica, fortaleceram a absorção dos valores da classe que os dominava como modelo exemplar de comportamento, postura e estilo de vida.

O Lanifício sempre contou com gerentes que aceitavam a tarefa de controlar a vila e ao mesmo tempo satisfazer o conjunto dos trabalhadores, transformando-a num projeto de melhorias sociais. A indústria brasileira sempre teve dificuldades para monopolização do controle da força de trabalho. O que aconteceu em Galópolis foi a superação dessa problemática, através da manutenção dos grupos iniciais, com suas respectivas famílias e a sucessão nas gerações seguintes, mantendo-se na vila como mão de obra especializada. A mão de obra, oriunda na sua maioria das famílias da região colonial, foi a grande mantenedora da fábrica.

Candau (2011, p. 18) corrobora com a explicação sobre a identidade étnica quando afirma que:

“o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da identidade étnica, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que os acolhe, desde que o trabalho do esquecimento de suas origens não tenha se complementado.”

Concluindo, a vila de Galópolis utilizou como símbolo da sua força e da sua riqueza, o nome de Hercules Galló que deu ao grupo a sua identidade e a condição de que a mesma reconhecesse os valores que marcaram a vila quando o mesmo era proprietário da fábrica. O nome de Galló em Galópolis deu continuidade às ações que haviam movido aqueles teares por anos e anos a fio bem como na mentalidade de seus moradores a importância de ter como referência um homem que havia reconhecido a força de seus trabalhos, a capacidade que cada um possuía de



construir a riqueza da vila e do respeito às dificuldades encontradas no coletivo. Hercules Galló constituiu-se na identidade de um grupo e serviu de elemento para o desenvolvimento de que aqueles que ali nasceram e viveram tivessem um sentimento de pertença.

A condição de operários do lanifício criou um elemento de identidade que foi mantido em diversas gerações como uma marca que os diferenciava de outros estabelecimentos e os colocava numa condição de grupo homogêneo, distinto dos demais. O “status” de operário, construído pela fábrica em sua história não foi destruído pela geração dos filhos que assumiram em muitas circunstâncias um papel semelhante ao de seus pais.

A vida na vila operária foi também um elemento de identificação que garantiu a manutenção da identidade do grupo, e da forma como o mesmo passou a ser reconhecido pelos demais. A organização coletiva e os mecanismos usados pela fábrica promoveram essa integração que confundia os espaços da moradia com os espaços fabris. Os espaços de integração construídos na vila operária oportunizaram ao grupo uma maior coesão pela condição de estarem 24 horas, envolvidos na dinâmica entre a fábrica e suas vidas familiares. Constatou-se por meio de relatos e depoimentos que os espaços fora da fábrica estavam todos vinculados às decisões dos donos da fábrica. Da escola ao Círculo Operário, do Sindicato às atividades recreativas, o entorno configurava as relações que se mantinham e reproduziam o “status quo” vigente.

Essa condição vinculada ao elemento ético fortaleceu a manutenção da história, narrada por eles como memória coletiva. Afinal, desde que chegaram ao Brasil haviam resolvido muitos conflitos juntos e a ligação com a terra de origem, não poderia ser esquecida, pelo fato de que tinham em comum, ou seja, a expulsão do seu ambiente de trabalho que representava a expulsão de sua pátria. O elemento étnico acrescido do sentimento de pertencimento à comunidade, fortalecido pela experiência na vila operária e na própria comunidade provocou nesse grupo um reconhecimento de sua identidade, usando as lembranças coletivas como meios de manutenção da mesma. É oportuno relacionar, para finalizar, que quando tratam do país de origem e da condição que viviam seus antepassados, vêm como meio de terem mudado a condição social, mesmo que tenham permanecido na condição de operários. O processo imigratório lhes permitiu construir uma vida digna, de reconhecimento da qual possuem consciência desse valor.

## Referências

- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia da Memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- Estatutos do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, Galópolis, 1936.
- FAGUNDES, Ligia Ketzer et al. *Memória da indústria gaúcha, das origens a 1930*. Porto Alegre: Universidade /UFRGS, FEE, 1987.
- FONTANA, G.L. (Org.) *Schio e Alessandro Rossi*. Imprenditorialità, politica, cultura e paesaggi social del secondo Ottocento. Roma: Ed. Storia e Letteratura, 1985.
- GREEN, Herbert. *Village Life in the Eighteenth Century*. Then and There. London; Longman Group, 1976.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HERÉDIA, Vania B.M. *O Processo de Industrialização da zona colonial italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1997.
- LANERROSSI IERI. Lanerossi S.p.A. in occasione del 150º Anniversario della Fondazione. Milano, 1967, vol. I.
- Livro de Atas da Assembleia de Constituição da Companhia Lanifício São Pedro S.A., L.I., Porto Alegre, 1928.
- Livro de Atas do Sindicato dos Mestres, Contramestres e Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem de Galópolis, Galópolis, 1942.
- LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA DE GALÓPOLIS, Caxias do Sul, 1936.
- LOPES, J.S. e SILVA, L. A. Machado. Estratégias de Trabalho, Formas de Dominação na Produção e Subordinação Doméstica de Trabalhadores Urbanos *in Mudança Social no Nordeste: A reprodução da subordinação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SEARBY, Peter. Weavers and outworkers. In *Victorian Times*. London: Longman, 1980.
- TEIXEIRA, Palmira Petratti. *A fábrica do sonho: trajetória do industrial Jorge Street*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- VALVERDE, Orlando. Excursão à região colonial antiga do Rio Grande do Sul. In: Revista Brasileira de Geografia, ano 10, n.4, out./dez. 1948, p.3-54.